

**DIÁLOGOS COM O PASSADO:
OS PRETOS-VELHOS E AS MEMÓRIAS DA ESCRAVIDÃO**

Lívia Lima Rezende
Doutoranda em História na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais
livialimar@gmail.com

*Não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes?
Não existem nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram?
Walter Benjamin - Sobre o conceito da história*

Heiner Müller (1997), escritor e dramaturgo alemão defendia que o diálogo com os mortos não deveria ser interrompido até que eles entregassem o quanto do futuro foi enterrado com eles. Em sua concepção, muito próxima à de seu conterrâneo Walter Benjamin, a memória guarda potência revolucionária do ponto de vista social e político. Por mais que tentemos ocultá-la, escondê-la ou *enterrá-la* - para seguir com as metáforas da morte -, ela emerge das profundezas do inconsciente coletivo a assombrar-nos, tal qual um fantasma. Ambos os termos comungam da noção de um passado não concluído ou mal resolvido que rema obstinadamente no sentido contrário ao esquecimento e apaziguamento, subsistindo ao transcurso do tempo. Nas palavras de Assmann (2011, p. 188) seria o exemplo clássico - melhor explicitado pela expressão em inglês *unfinished business* - de um “negócio não concluído”, em tradução livre.

Tendo como ponto de partida essas metáforas da memória já dispomos de alguns elementos que nos permitem pensá-la de forma mais profunda. O fator essencial ao qual devemos no ater diz respeito à necessidade de se atrelar e aterrar as construções memorialísticas acerca de um passado mais ou menos remoto no presente. Qualquer atividade mnemônica só se torna provida de sentido ao estabelecer pontes de sentido entre o hoje e o ontem. Trata-se, em última instância, de uma olhar que lançamos a partir de nosso contexto histórico a um passado, ou, conforme as palavras mais poéticas de Ruth Klügger (2015, p. 74), seria a preparação da sopa de nossos pais com o tempero de nossos filhos. Nesse processo, encontraríamos conexões (onde existirem) e as estabeleceríamos nós mesmos (se as inventarmos). Daí a importância de se perceber que o trabalho com as memórias implica no entendimento de que elas compreendem em sua

constituição criações não necessariamente respaldadas na realidade; e que essa constatação não inviabiliza seu estudo. O que se cria e a forma como se cria revelam muito sobre nossa contemporaneidade.

Memória espacial: visitando a Fazenda da Pedra

[...] Quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações (PROUST, 2019, p. 51-52).

A citação acima é do clássico *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust (2019). Ela se refere a uma passagem bastante conhecida da obra, em que o narrador, ao comer um biscoito (*madeleine*) com chá é arrebatado por um profundo sentimento de felicidade, recordando, de súbito, sentimentos e sensações até então adormecidos de sua infância. Naquele instante absolutamente fugaz, há o encontro com um tempo perdido. O passado permeia o presente e nessa efêmera confluência estaria a aceção mais sublime de eternidade. Na visão do escritor, esses momentos - tão raros quanto transcendentais -, independem da vontade ou do esforço humanos, sendo denominados por ele de *memória involuntária*. Adormecidas em nosso eu mais profundo elas emergem através de gatilhos aparentemente aleatórios, como o simples ato de comer um biscoito e sorver um chá.

Guardadas as devidas proporções literárias, tomamos a liberdade de retomar essa poética passagem de Proust uma vez que ela nos assiste na transmissão da experiência que vivenciamos na Fazenda da Pedra. Já fazia algum tempo que acompanhava os trabalhos da médium Rachel Melo na umbanda, até que fui surpreendida com um convite, durante um ritual em que se declarava incorporada, para irmos até o local onde um dos pretos-velhos com os quais trabalha teria vivido. Embora um pouco confusa e assustada resolvi aceitar. Alguns meses depois nos dirigimos até a Fazenda da Pedra em

Lagoa Dourada, Minas Gerais. Construída no final do século XVIII, o local abriga atualmente um hotel e preserva boa parte das construções e do mobiliário da época.

Figuras 10 e 11 - Fazenda da Pedra



Fonte: Acervo da autora

Assim que chegamos fomos recepcionadas por uma das proprietárias que, muito solícita, nos convidou a entrar e tomar um café da manhã com produtos locais. Nos sentamos em uma mesa muito grande e antiga, próximo ao fogão de lenha. No exato instante em que a médium pegou a xícara de café ela me lançou um olhar e um sorriso que já me eram familiares das *giras* de preto-velho no terreiro. Cerrou os olhos e bebeu o café consubstanciando no semblante intensa alegria, exatamente como descrito por Proust. Pouco depois pedimos licença e saímos para caminhar pela região, com a médium declarando estar incorporada por Pai Firmino. Um de seus primeiros comentários foi¹:

Vosmecês beberam café aonde eu sempre tive desejo de beber café e nunca bebi. Não sei se vosmecê tá me compreendendo. Meu sonho era beber café ali.²

¹ Optamos por “traduzir”, quando necessário, as falas dos médiuns no corpo do texto para facilitar seu entendimento, removendo marcações de oralidade e alterando algumas palavras muito típicas do ambiente de terreiros. As transcrições literais estão em notas de pé de página.

² Vosmecês beberam café aonde eu sempre tive desejo de beber café e nunca bebi. Não sei se vosmecê tá me compreendendo. Meu sonho era bebê café ali. MELO, Rachel. Novembro, 2018.

Myrian Sepúlveda Santos (2003) insiste na capacidade que a memória possui de se cristalizar fora de nós, se materializando em objetos - sem, por isso, constituir-se enquanto verdade histórica. Esses chamados *lugares de memória*, conceito trabalhado por diversos autores, apresentariam um poder capaz de sobrepor representações defendidas por determinado grupo. Seguindo um caminho um pouco distinto, Aleida Assmann (2011, p. 328) trata da noção de *lugar honorífico*, relativamente próximo do *lugar de memória* de Pierre Nora (1993). Em sua acepção esses espaços se notabilizariam por uma descontinuidade entre passado e presente, uma interrupção ocorrida de modo violento. Esse hiato de tempos se materializa em ruínas e objetos remanescentes que se destacam. O que foi interrompido cristaliza-se nesses “restos” e não estabelece vínculo direto com a vida local do presente (que teria prosseguido avançando por sobre os resquícios, ignorando-os).

Embora discordemos da oposição visceral que Nora (1993) erige entre memória e história, acreditamos que é possível trabalhar com seu conceito de *lugar de memória* (bem como o de *lugar honorífico* de Assmann), sem perder de vista a dimensão de *poder* mencionada por Santos (2003). Em nossa concepção a Fazenda da Pedra consiste hoje num exemplo clássico de lugar de memória. Boa parte do mobiliário, dos utensílios de decoração e de cozinha, das fotos emolduradas na parede remete ao período colonial. Esses itens materiais, contudo, carecem de explicações. Conforme mencionado por Assmann (2011, p. 328), “seus significados precisam ser assegurados complementarmente por meio de tradições orais”. Conservam-se a aura de um passado que deixou de existir e cujas memórias se perderam.

Durante o café conversámos com os proprietários da fazenda e uma das assertivas mais veementemente repetidas é que não teria havido escravizados na Fazenda da Pedra³. Em todas as fazendas da região sim, mas ali não. Eventualmente viriam alguns cativos de outros locais para realizar trabalhos pontuais, mas eles seriam

³ Ao chegar à fazenda me apresentei como historiadora e Rachel Melo como professora e pedagoga. Comentamos que gostávamos muito de fazendas coloniais, e por isso estávamos fazendo a visita. Não mencionamos nada acerca da umbanda ou dos pretos-velhos.

prontamente restituídos a seus locais de origem, sendo muito bem tratados, já que o antigo proprietário era muito bondoso. Não nos interessa aqui entrar no mérito de contestação dessa afirmativa. Pelo contrário, a divergência nos oferece um interessante instrumento de análise de uma memória senhorial que se sobrepôs na região. Conforme mencionado por Santos (2003), a memória cristalizada naquele espaço foi a dos proprietários, num claro exercício de poder. Nossa visita com a médium nos permitiu analisar uma narrativa elaborada a partir do que seria a construção memorialística sob ótica inversa. Qual a verdade histórica não nos interessa. O que importa é a forma como essas duas elaborações mnemônicas entraram em choque durante nossa visita.

Assim que a médium se declarou incorporada, ela comentou:

Aonde vosmecês passo é onde ficava os escravo fia. [*Pergunto se seria onde atualmente fica o estábulo, e ela acena afirmativamente com a cabeça*] Se a gente pegasse uma manga pra comer era confusão na certa. Isso é homem bão, filha? [...] Foi muita lombada nessa terra, filha. [...] Foi muito sofrimento nessa terra, filha. [...] Essa moça [*referindo-se à proprietária*] não sabe nada daqui, filha. Sabe aquilo que os outro contou pra ela, mas não viveu.⁴

Seguimos caminhando pela fazenda até nos sentarmos no alto de uma pedreira, de onde podíamos observar a região sem sermos incomodados. Dali, a médium/preto-velho nos indicou cinco pontos da fazenda, todos associados a uma memória de dor. O primeiro deles, já transcrito, era o local onde ela defendia ter estado a senzala. Tratava-se de uma construção relativamente estreita e comprida, completamente fechada de um lado e parcialmente aberta do outro, de chão batido, onde hoje estava instalado o estábulo. O segundo também era uma construção separada da casa principal:

Ali os homem fazia pra trazer criança. Fazia as mulher, tinha as nega boa que era de reprodução. [...] Quando vosmecês tiver descendo é do lado direito. Era fechado. Vendia-se muito escravo daqui. [...] Tinha muita nega que dava as crianças e as crianças eram vendida. Porque nessa época já tinha

⁴ Aonde vosmecês passo é onde ficava os escravo fia. [*Pergunto se seria onde atualmente fica o estábulo, e ela acena afirmativamente com a cabeça*] Se a gente pegasse uma manga pra comê era confusão na certa. Isso é home bão, fia? [...] Foi muita lombada nessa terra, fia. [...] Foi muito sofrimento nessa terra, fia. [...] Essa moça [*referindo-se à proprietária*] não sabe nada daqui, fia. Sabe aquilo que os outro contô pra ela, mas não viveu. MELO, Rachel. Novembro, 2018.

diminuído bem os escravo vindo doutra terra, né fia? E eles precisava de gente pra trabaia. Aí eles começaram a bota as nega pra ter os filho, as crianças.⁵

O terceiro espaço era a masmorra. Ela estaria localizada no porão da casa grande, sob a sala de jantar e alguns quartos. Hoje funciona como uma espécie de depósito, estando repleta de itens muito antigos, aparentemente sem uso. São baús, peças de montaria, utensílios de agricultura. Trata-se de um cômodo único, comprido, muito escuro e úmido. Na parte da frente, próxima à porta, foram colocadas algumas redes. Nas palavras da médium/preto velho:

Era [*uma masmorra*]. A parte pior era ali. Porque era frio, escuro, e de chão. De chão esse nego já acostumou, não tinha importância. Mas muitos morriam por causa dava problema quando fazia respiração, né filha.⁶

Todas as vezes que Rachel Melo declara estar incorporada por Pai Firmino seu nariz começa a escorrer continuamente, até que o ritual termine. Ela menciona que seria uma influência do preto-velho, em função de problemas respiratórios adquiridos após longos períodos preso na masmorra. Ela comenta ainda acerca do tronco, onde os escravos seriam castigados e onde Pai Firmino teria morrido. As menções ao tronco foram várias durante a entrevista:

Aonde vosmecês passo que tem um tronco de árvore, que vosmecês falou que era de secar café, ali era o tronco.⁷

O coronel mando me bota no tronco. E foi muita chibatada. E nesse dia, filha, eu pedi a pai Oxalá que me levasse. Que me mostrasse um caminho aonde

⁵ Ali as nega, os home fazia pra trazer cabureco, fazia as mulher, tinha as nega boa que era de reprodução. [...] Quando vosmecês tiver descendo é do lado direito. Era fechado. Vendia-se muito escravo daqui. [...] Tinha muita nega que dava os cabureco e os cabureco era vendido. Porque nessa época tinha já tinha diminuído bem os escravo vindo doutra terra, né fia? E eles precisava de gente pra trabaia. Aí eles começaram a bota as nega pra te os fio, os cabureco. MELO, Rachel. Novembro, 2018.

⁶ Era [*uma masmorra*]. A parte pior era ali. Porque era frio, escuro, e de chão. De chão esse nego já acostumou, não tinha importância. Mas muitos morriam por causa dava problema quando fazia respiração, né fia. MELO, Rachel. Novembro, 2018.

⁷ Aonde vosmecês passo que tem um tronco de árvore, que vosmecês falou que era de secá café, ali era o tronco.

tivesse menos dor. Menos sangue, menos sofrimento e foi ali naquele tronco que eu fui embora. Deixei a carcaça aqui. E fui pro outro lugar.⁸

Aí o dono me mandou botar no tronco, 3 dia sem água e com 100 chibatada nas costa.⁹

Por fim, o último lugar associado a essa memória do trauma destacada foi o cemitério dos escravizados. Trata-se de uma região atrás de um igreja em ruínas. Não há qualquer marcação, mas a médium/preto-velho garante que ali estariam diversos corpos. No momento em que íamos pisar nessa região ela me segurou pela mão e pediu que eu desse a volta.

Aqui fui colocado quando fui embora. Não sei se vosmecê compreende. Quando esse nego partiu dessa terra, foi colocado aqui. A carcaça. Vosmecês passaram nele [*cemitério*]. Por isso não deixei vosmecê pisa, compreendeu?¹⁰

Abaixo algumas fotos dos espaços mencionados.

Figuras 12 (senzala), 13 (masmorra) e 14 (tronco)

⁸ O coronel mando me bota no tronco. E foi muita chibatada. E nesse dia, fia, eu pedi a pai Oxalá que me levasse. Que me mostrasse um caminho aonde tivesse menos dor. Menos sangue, menos sofrimento e foi ali naquele tronco que eu fui embora. Deixei a carcaça aqui. E fui pro outro lugar. MELO, Rachel. Novembro, 2018.

⁹ Aí o dono me mandó botá no tronco 3 dia sem água e com 100 chibatada nas costa. MELO, Rachel. Novembro, 2018.

¹⁰ Aqui fui colocado quando fui embora. Não sei se vosmecê compreende. Quando esse nego partiu dessa terra, foi colocado aqui. A carcaça. Vosmecês passaram nele [*cemitério*]. Por isso não deixei vosmecê pisa, compreendeu? MELO, Rachel. Novembro, 2018.



Fonte: Acervo da autora

Gostaríamos de chamar atenção para um segundo elemento que gerou uma disputa de memória, nesse caso “solucionada” pela historiografia. Logo que chegamos à fazenda nos deparamos com uma inscrição na parede que nos chamou atenção. Perguntamos à proprietária e ela nos disse que era um desenho qualquer. Rachel mencionou que era muito parecido às algemas usadas para prender os pés dos cativos. Sem chegar a um acordo e sem saber exatamente do que se tratava, acabamos por alterar o assunto. Retornando da viagem decidimos buscar pela imagem na internet, e acabamos descobrindo sua real origem.

Figura 15



Fonte: Acervo da autora

Trata-se do símbolo de uma raça de asininos (jumentos) cujo berço seria justamente a região de Lagoa Dourada. As fontes mencionam, inclusive, que sua criação teria ocorrido na Fazenda do Engenho dos Cataguases¹¹, bem próxima à Fazenda da Pedra e antigamente pertencente à mesma família de proprietários. Com o desenvolvimento da nova raça, tornou-se premente a necessidade de desenvolvimento de uma marca, com a qual se queimava o animal. Optou-se pelo nome “*pêga*” com seu respectivo desenho, que era justamente a alcunha dada à algema colocada nos cativos (CRIADORES, 2014).

Retomando mais uma vez o trabalho de Aleida Assmann (2011, p. 350), buscamos outro conceito associado ao lugar de memória, o *lugar traumático*. Ele se caracterizaria pela “virulência de um acontecimento que permanece, como um passado que não se esvai, que não logra guardar distância”. A pesquisadora o aplica basicamente a Auschwitz, uma vez que foi o campo de concentração nazista mais conhecido e que foi bastante bem preservado e “musealizado”.

Um elemento em sua análise que acreditamos poder transpor para a Fazenda da Pedra e para outras fazendas coloniais brasileiras é a maneira como a conservação desses espaços permite a ancoragem de distintas memórias. Como no caso de Auschwitz - guardadas, obviamente, as devidas proporções - esses espaços trazem à tona uma multiplicidade de vozes, e, em seu esteio, a incompatibilidade de diferentes lembranças. A escravidão negra é claramente um *passado sensível* (no conceito brilhantemente trabalhado por Hebe Mattos¹²), e assim o é para ambas os lados. Da mesma forma que a elaboração de uma memória da parte de alguém que se apresenta como um escravizado é dolorida e indigesta, ela também o é sob a ótica do algoz, ou, no caso, dos descendentes desse senhor.

Walter Benjamin (1984, p. 200) menciona que nas ruínas, a história teria se fundido sensorialmente ao cenário. Essa sensibilidade talvez seja o elemento mais relevante no caso de uma visita a um lugar de memória. A função principal desses

¹¹ A Fazenda do Engenho foi vendida há alguns anos. Também chegamos a visita-la, uma vez que outra médium, no momento em que se declarava incorporada, mencionou que sua preta-velha teria vivido lá.

¹² O conceito aparece no prefácio de COOPER; HOLT; SCOTT, 2004 e em MATTOS, 2001.

espaços, paralelamente a uma reflexão crítica da história, deveria ser uma intensificação das elaborações mnemônicas por meio de uma contemplação e uma comunhão sensorial. Nas palavras de Assmann (2011, p. 351), eles tornam “acessível ao visitante o que as mídias escritas ou visuais não conseguem transmitir: a aura do local”. Caminhar pela Fazenda da Pedra escutando os relatos da médium foi como ouvir os ecos de vozes que emudeceram (parafraseando nossa epígrafe também de Benjamim), no sentido de observar aqueles espaços e objetos com um olhar que, para além de atestar ou não verdades, nos convidasse a refletir sobre nosso passado traumático. Encerramos nossa análise acerca da visita à Fazenda com as palavras de Rachel Melo/Pai Firmino:

Vosmecês não tem noção de como eu tô muito feliz, voltar nessa terra, revê que eu não tô aqui mais, né filha. Ver que não tem gente no tronco. E não tem sangue escorrendo. Que não tem mulher nenhuma gritando pra ter criança. [...] Era muito sofrimento e hoje volto e vejo que tudo passou. Agradeço muito ao Pai Oxalá, essa benção de no dia de hoje está aqui.¹³

Considerações finais

Pensar a umbanda e, principalmente, os pretos-velhos sob o conceito de memória cultural (ASSMANN, 2011; ASSMANN, 2016) implica necessariamente em compreender o caráter lento e gradual, ainda que contínuo, das modificações nas formas como as imagens da escravidão são construídas. Uma vez inseridos no arcabouço religioso e, conseqüentemente, ritualístico, os elementos pinçados de um contexto histórico mais amplo e criados a partir das visões do presente passam por constante processo de elaboração. Quiçá o aspecto mais interessante desse caráter mais estável da memória cultural seja sua dimensão educativa, pedagógica.

Sendo assim, que os pretos-velhos possam seguir dialogando conosco através de suas distintas elaborações mnemônicas. Que toda essa construção de padecimento resista, ainda que num contexto subterrâneo conforme mencionado por Pollak (1989), e

¹³ Vosmecês não tem noção de como eu to muito feliz, volta nessa terra, revê que eu não tô aqui mais, né fia. Ve que não tem gente no tronco. E não tem sangue escorrendo. Que não tem muie nenhuma gritando pra te cabureco. [...] Era muito sofrimento e hoje volto e vejo que tudo passou. Agradeço muito ao Pai Oxalá, essa benção de no dia de hoje está aqui. MELO, Rachel. Novembro, 2018

emerja a cada ritual com toda sua potência educativa revolucionária. Através dos corpos e das falas dos médiuns poderemos ter uma noção do quanto de nosso futuro foi enterrado com as agruras da escravidão no passado e, a partir de então, elaborar um novo presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: UNICAMP, 2011.

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. *Revista História Oral*: Rio de Janeiro, vol. 19, nº 1, 2016. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=642>>. Acesso em 10 mai. 2018.

BENJAMIM, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas; SCOTT, Rebecca. *Além da Escravidão*. Explorações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CRIADORES brasileiros trabalham no melhoramento dos marchadores. *Globo Rural*. Lagoa Dourada, 02 mar. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2014/03/criadores-brasileiros-trabalham-no-melhoramento-dos-marchadores.html>>. Acesso em 5 nov. 2018.

KLÜGGER, Ruth. *Paisagens da memória*. São Paulo: Editora 34, 2005.

MÜLLER, Heiner. *Guerra sem batalha: uma vida entre duas ditaduras*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *In: Projeto História*. São Paulo: PUC, nº 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2014.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Le Livros, 2019.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História e memória: o caso do Ferrugem. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, v. 23, nº 46, p. 271-295, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000200012>. Acesso em 10 mai. 2018.